

A música nos estudos de artes na Universidade Federal da Bahia: Estudo de caso no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Alda Lima da Silva
Universidade Federal da Bahia

1 Introdução

Os regimes de produção e recepção de arte inaugurados com o Renascimento são, segundo Louro (2010), os responsáveis pelo surgimento da iconografia. O estudo de imagens no século XVI, outro tópico por vezes usado com o mesmo significado de iconografia é a iconologia. Ambos os termos estão imbricados naquilo que Louro define como interlocução “entre imagem e observador”, (p.15). O advento da imprensa foi o fator que permitiu a difusão desses conceitos para os humanistas.

A iconografia teve como fundador Giorgio Vasari (1511-1574) que restaurando o palácio dos Medici em Florenza sentiu a necessidade de explicar sobre as implicações simbólicas entre mitologia e histórias presentes na decoração da construção. A obra de Cesare Ripa publicada em 1593 explicava para seu patrono os conceitos presentes em emblemas. Objeto de numerosas e melhoradas edições *Iconologia ovvero Dell'immagine Universali cavate dalli' Antichita et da altri luoghi* de Ripa contribuiu enormemente para produção e compreensão da arte. A percepção que se depreende desse movimento inaugural é de que não havia de fato um divisor para estabelecer diferenças entre iconografia e iconologia.

Já a iconografia musical tem seu marco inicial na obra de Sebastian Vardung, segundo Louro (2010, p.15). Publicado em 1511 o *Musica gestuscht* foi o primeiro documento impresso a tratar pedagogicamente sobre os instrumentos musicais e seu funcionamento.

Objeto de estudos no Brasil e no mundo a iconografia musical dialoga com arquivos, bibliotecas e museus rastreando, codificando e divulgando o patrimônio da música ao longo dos tempos. Esse movimento, que por vezes assume a feição de pesquisa de campo arqueológica, fundamenta a produção de novos conhecimentos na área musical e um olhar diferenciado para produtos de outros campos do conhecimento. Nesse viés se justifica o presente trabalho que visa investigar as imagens alusivas à música nas dissertações do Programa de Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Pressupondo que a imagética ligada à música nas dissertações seja circunstancial e utilizada apenas como apoio para o texto, o estudo de natureza exploratória se apoia nos estudos de Panofsky, Burke, Bourdieu e outros autores para compreender e contextualizar o tema. A abordagem quantitativa e qualitativa do trabalho organiza-se pelas variáveis de tempo, temáticas abordadas e linhas de pesquisa da pós-graduação em Artes Visuais para apresentação da pesquisa.

As principais informações obtidas apontam para resultados que não permitem uma generalização sobre o tema. O pressuposto levantado foi percebido muito levemente. É patente a necessidade de estudos mais intensos com outras ferramentas e melhores subsídios.

O melhor detalhamento dos pontos levantados nessa introdução será visto nas seções seguintes desse artigo que segue com a revisão da literatura, procedimento metodológico, apresentação e análise dos resultados tendo como base os autores consultados e por último as conclusões auferidas no final do estudo.

2 Referencial teórico

A iconografia como já foi dito surge no século XVI. O progresso do método iconográfico foi amplamente beneficiado pelo estabelecimento do campo da História da Arte ao longo dos séculos. A sistematização da iconografia, porém, ocorreu com Erwin Panofsky (1892-1968). A contribuição desse autor ao aliar à descrição, a interpretação da obra de arte, foi emblemática e um divisor de águas que continua a mediar os estudos na área.

Estudando a arte da Renascença, Panofsky define da seguinte maneira a iconografia: “ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma” (PANOFSKY, 1991, p.47).

O domínio da iconografia, segundo o autor, é a identificação (p.51), descrição e classificação (p. 53). Relevante para precisão de datas, classificação de evidências e relação entre diversos elementos de arte, seus agentes, motivações e conceitos. Todas essas relações ocorrem, porém, no nível essencial da obra de arte. A explicitação dos conteúdos presentes em uma obra ocorre sob o domínio da iconologia.

Panofsky utiliza a etimologia grega para deixar claro que grafia de *grafé* refere-se ao que está escrito, evidente em um item de arte. Quando associado a métodos diversos (histórico, crítico, psicológico) o ícone recebe o sufixo *logia* que deriva de logos e significa entendimento, razão, pensamento, interpretação. Essa introdução conduz àquilo que o historiador alemão considera: “uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte em vez de ficar limitada a papel de exame estatístico preliminar.” (PANOFSKY, 1991 p. 54).

Proveniente da síntese, o método iconológico depende do correto exame de “imagens, estórias (sic) e alegorias”, para que a obra de arte possa ser cabalmente compreendida, interpretada.

Segundo Louro (op cit. p. 19) a metodologia de Panofsky faz sentido quando se compreende os níveis definidos por esse autor:

- 1) Análise pré-iconográfica, consiste na análise das formas, ou seja, das linhas e cores.
- 2) Análise iconográfica, que descreve os assuntos ou temas que são representados, onde entra o conhecimento das fontes literárias que contribuem para essas representações.
- 3) Análise iconológica, que diz respeito ao modo como determinado período e zona geográfica se representa a si própria servindo como fecho do ciclo e denunciando sinteticamente as atitudes por detrás da produção da obra de arte, entendo esta como um documento da própria cultura. (Panofsky, 1995, citado por LOURO, 2010).

A síntese fornecida por Panofsky é a conclusão perfeita para os exemplos coligidos pelo autor na obra “Significado nas artes visuais”. Em consonância com seu pensamento está Bourdieu e Darbel quando abordam a questão da recepção e percepção da obra de arte. Os códigos e os signos presentes nas obras de arte precisam ser dominados tanto pelo emissor (artista) como pelo receptor (público). Existe, portanto, a necessidade de

uma competência artística para que a comunicação se estabeleça. Essa competência deve ser entendida como o capital simbólico – a série de marcas e códigos que possibilitam o posicionamento do indivíduo no ambiente social. Assim sendo, arte enquanto patrimônio simbólico pode ser apreendido na medida em que o agente receptor detenha os meios de apropriar-se dela, discerni-la:

O código artístico, como sistema dos princípios de divisões possíveis em classes complementares do universo das representações oferecidas a determinada sociedade em determinado momento do tempo, assume o caráter de uma instituição social (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p.75).

A imagem com evidência histórica é o tema enfocado por Burke. No livro “Testemunha ocular” (2004) o autor retoma Panofsky, seus seguidores e críticos. A abordagem iconográfica segundo Burke realiza aproximações de imagens, que concebidas como um conjunto teve pelo curso dos acontecimentos, seus itens dispersos em galerias e museus. Essa aproximação ocorre para que se compreenda o “programa iconográfico”, (p, 48).

Outra atitude da abordagem iconográfica é a relevância aos detalhes para que se conheça o artista e os significados da obra. Esse cuidado, porém, não garante uma compreensão unívoca. Por último, Burke ressalta que o método iconográfico pela justaposição de textos e imagens, para compreender a obra em análise, terminando por criar o que Wagner denomina de “*iconotexto*”. (p. 49-50). O autor questiona a propriedade dessas atitudes, já que para esse curso de ação, se faz necessários conhecimentos ulteriores.

A precisão e estreiteza de um lado, bem como a ausência de nitidez por outro são pontos criticados no método iconográfico. Os exemplos dessas atitudes são o excesso de intuição e especulação; a ausência de dimensão social; a suposição da alegoria nas imagens. Uma crítica feita à iconologia é a suposição de homogeneidade cultural de uma época a partir das imagens. Existe em cada período o que Burke grafava como “contra-exemplos”, artistas que não obedecem ao modelo estético vigente. No entendimento de Burke existe uma relação de dependência entre os historiadores e a iconografia. Devem, do mesmo modo, praticar a iconologia associando-a a psicanálise, ao estruturalismo e à teoria da recepção (p.52).

Esses construtos ainda que direcionados para a história da arte, de algum modo tocam na iconografia musical já que essa tem, entre outros produtos, a obra de arte como suporte para investigação do patrimônio musical.

2.1 Iconografia musical

A iconografia musical está intrinsecamente relacionada ao patrimônio musical de uma determinada localidade. O *Répertoire international d'Iconographie Musicale* (RIDIM) é um organismo internacional sem fins lucrativos que desde 1971 reúne e dá apoio aos centros nacionais existentes em diversos países.

No Brasil o RIDIM teve início em 2008. O Objetivo principal desse projeto como coloca Sotuyo Blanco é a “(...) identificação, catalogação e disponibilização das informações referentes à iconografia musical”. Para consecução dessas metas o RIDIM-Brasil tem nos seus quadros pesquisadores, profissionais e técnicos de bibliotecas, arquivos e museus. Diante do grande universo de pesquisa que se apresenta no Brasil se optou pela busca da iconografia musical na iconografia religiosa, notadamente naquela de matriz cristã.

Definindo o que constitui o patrimônio iconográfico musical Sotuyo Blanco se expressa da seguinte maneira:

O patrimônio iconográfico musical inclui toda e qualquer representação imagética (em duas ou três dimensões) relativa à música, incluindo cenas, personagens, instrumentos, coreografias, *performance*, notação musical e até cenografias e vestuário, dentre as mais relevantes.” (SOTUYO BLANCO, 2009, p.69).

2.2 Pós-Graduação na Escola de Belas Artes da UFBA

A Pós-Graduação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA) teve os estudos preliminares para implantação em 1986. Ao longo dos últimos vinte e dois anos foi objeto de reformulações e mudança de nomenclatura de acordo com as informações veiculadas no próprio endereço eletrônico da Escola.

No quadro abaixo apresentamos uma síntese das mudanças ocorridas no Programa da EBA-UFBA:

Quadro 1 - PÓS-GRADUAÇÃO EBA-UFBA

Data e Denominação	Concentração	Linhas de pesquisa
1991 Mestrado em Artes	- Teoria e História da Arte - Artes Plásticas	-----
1998 Mestrado em Artes Visuais	- Linguagens Visuais – Tradição e Contemporaneidade	- Processos Criativos nas Artes Visuais - Estudos Teóricos das Visuais no Nordeste
2004 Mestrado em Artes Visuais	- Artes Visuais: História, Teoria e Processos	- História e Teoria da Arte - Processo de Criação Artística - Arte e Design: processos, teoria e História.

Fonte: <http://www.mav.ufba.br>.

Pelo exposto acima vimos que a partir de 2004 os trabalhos dos mestrandos poderiam ser direcionados para três linhas de pesquisa. Utilizando ainda as informações disponíveis pelo próprio Programa sumariamos essas linhas de estudo.

Pesquisas historiográficas sobre manifestações artísticas, iconologia, religiosidade e seu aporte para o conhecimento da arte são o foco da linha História e teoria da arte, que também é denominada como História da arte brasileira com acento no Nordeste e na Bahia.

Os procedimentos de criação artística que veiculam teoria e prática na relação com outras áreas do conhecimento estão sob a linha de Processos de criação artística. Inseridos nesse construto estão as práticas que envolvem procedimentos expandidos nas artes visuais.

O estudo de questões-chaves do design bem como as teorias, procedimentos e história desse segmento da arte estão na linha Arte e design.

3 Material e Métodos

A pesquisa de natureza exploratória objetivou identificar nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia as imagens referentes à música. A técnica para coleta de dados foi documental.

O universo da pesquisa compreendeu setenta e duas dissertações. Desse total foram analisados cinquenta e sete documentos. Problemas relacionados ao não depósito das dissertações nas bibliotecas, endereços eletrônicos de depósito virtual inválidos, bem como impedimentos da pesquisadora e sinistros em bibliotecas impediram o acesso à totalidade do universo anteriormente definido.

Como informações na folha de rosto se mostraram incompletas e por vezes inconclusivas, se optou pela relação disponibilizada no endereço eletrônico do Programa.

A estratégia definida para análise dos dados contempla as abordagens quantitativa e qualitativa.

4 Resultados e discussão

Os dados examinados por essa pesquisa foram coletados em sessenta e duas dissertações sendo que vinte e oito dissertações foram defendidas na linha de processos criativos representando 45,2% do universo pesquisado. Já na linha de História da arte trinta e quatro documentos foram examinados perfazendo 54,8% do total da pesquisa. Pôde-se observar quanto à temática abordada que a pesquisa na pós-graduação da Escola de Belas Artes é variada e distribuída nas linguagens da escultura, pintura, desenho, gravura e fotografia. Essa última inclusive, além de objeto de estudo é também o meio pelo qual as diferentes experiências e caminhos tomados pelos artistas puderam ser documentados e fixados. Os tipos de imagens, se podemos assim denominar, de acordo com a categorização de Sotuyo Blanco, variou pouco entre uma linha de pesquisa e outra. Na tabela a seguir os percentuais são expostos.

Quadro 2 - Levantamento realizado nos documentos

IMAGEM	OCORRÊNCIA	%
Performance	12	14,0
Instrumentos	28	32,5
Coreografia e dança	23	26,7
Vestuário	05	5,8
Objetos	18	21,0
TOTAL	86	100

4.1 Interpretação dos dados

Para análise dos dados levantados além do referencial definido se fará uso de definições semânticas dos termos de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

4.1.1 Performance

Definida como atuação, desempenho espetáculo em que o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de suas próprias autorias. A *performance* representou 12,0 % dessa pesquisa.

Devido a suas características emprestadas das demais linguagens artísticas, a *performance* é, por natureza, uma arte multidisciplinar, uma arte de fronteira, podendo também ser definida como uma arte híbrida. (SANTOS, 2007, p.21)

A performance foi uma abordagem presente nas dissertações das duas linhas de pesquisa principais, utilizada como tema principal e principalmente como recurso para exploração do tema a ser estudado pelos pesquisadores.

Nessa seleção é possível acompanhar o cotejo de Santos (2007), Silva (2004), Lolata (2005) e Oliveira (2006). Artistas que estudando temáticas diferentes fazem uso da linguagem performática para expressar seu objeto de estudo. O movimento dos “parangolés” poética inaugurada por Hélio Oiticica remete à música. Essa, no entanto, não é uma informação que está expressa nas dissertações.

4.1.2 Instrumentos musicais

Nas dissertações consultadas são muitas as referências imagéticas aos instrumentos musicais, “aparelhos destinados a produzir sons musicais”. Nas imagens observadas há instrumentos de cordas, de percussão, de sopro. Instrumentos clássicos como piano, violino; nativos como aqueles construídos a partir de cabaças e regionais como agogô e triângulo.

Vemos nessa seleção imagens que se referem desde ao Rei Davi, da Bíblia, até aos índios do sul da Bahia, festa de Iemanjá e também uma festa no interior baiano, comemorando a inauguração de um mural (Toderó, 2008). Contextos, temáticas, poéticas e linguagens artísticas díspares. A música como característica identitária de uma coletividade e nesse aspecto somos remetidos ao caráter musical da sociedade baiana. Pode-se pensar também no contexto cultural do qual fala Panofsky. Os instrumentos musicais estiveram presentes em 25% das dissertações pesquisadas.

4.1.3 Objetos musicais.

Nessa categoria foram reunidos elementos que sem constituir um instrumento ou linguagem artística remetem ao tema musical. O objeto é uma coisa material que pode ser percebida pelos sentidos. Foram considerados os quadros de Picasso, retratos, realejo bem como outros que ligados ao cotidiano da Cidade de Salvador têm na música um componente importante.

Este é o caso das “tabocas” (massa frita vendida por ambulantes nos bairros). Para chamar a atenção do público o vendedor toca um triângulo. Nessa mesma acepção o vendedor de sorvete, que traz junto ao carrinho do produto um sino. Uma aquisição mais moderna é o carro de cafezinho que tem um rádio acoplado (Faria, 2009).

Objetos como as caixas de músicas veiculadas por Arandas (2008). Essa autora desenvolveu uma pesquisa ligada ao lúdico, à brincadeira, as duas imagens que trazemos falam do balé e da dança do ventre. Os objetos constituíram 21,0% das imagens pesquisadas.

4.1.4 Coreografia e dança.

Nessa categoria encontra-se imbricada aspectos anteriormente citados como a *performance* e mais especificamente os parangolés. A concepção

de movimentos e passos que se origina em uma determinada dança é o significado de coreografia, que é definida como uma arte. Já a dança, compreendida como arte, mas também, como uma técnica, é o conjunto organizado de movimentos acompanhados por música ou bailado.

Os parangolés apontam para uma arte que não se restringe ao aspecto estético. O movimento possibilitado pelos tecidos ou estruturas usadas pelos artistas apontam para uma arte que não quer ser passiva. Da mesma forma que a música essa manifestação artística impacta os sentidos e conduz à participação. Coreografias e dança compreendeu 26,7% do universo pesquisado.

4.1.5 Vestuário

Os exemplos de vestuário musical encontrados nessa pesquisa estão ligados à estética indígena e tem como foco a dissertação de Anderson Paiva (2007) desenvolvida sobre a poética ornamental dos índios tupinambás de Olivença, Bahia. Esse autor documenta danças, rituais e dentro desses as vestimentas utilizadas que remontam ao século XVI quando da colonização do País.

Duas das imagens são peças de museus preservadas na Europa as outras são de tentativas de reproduções da atualidade. O vestuário musical responde por 5,8 % do total dessa pesquisa.

O autor faz uma referência explícita à música ao tratar da pintura ritual realizada quando da realização do *Porancim*, dança - ritual dos indígenas daquela localidade. O canto recolhido por Paiva retoma aspectos dos ritos antropofágicos dos índios antigos: “Que bom costume é bailar! Adornar-se, andar pintado. Tingir pernas empenado. Fumar e curandeirar, Andar de negro pintado.” (PAIVA, 2007, p.44-45)

5 Conclusão

A música encontra-se muito bem representada nos estudos de artes plásticas da Universidade Federal da Bahia. Ocorre de maneira ampla e diversificada. O pressuposto da pesquisa não foi confirmado. Vale, no entanto, pelo levantamento realizado que possibilitará a retomada do estudo em bases mais amplas e com a aplicação e combinação de outras técnicas investigativas.

Expressa-se aqui a satisfação pela realização do estudo, a oportunidade de verificar a intrínseca relação da música com as demais artes. A música como uma linguagem traduz, agrega e comunica.

Referências

- ABREU, R.A.A. **Imagens reveladas**: uma poética do silêncio. 2004. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- AGUILAR GOMEZ, L.R. **Apropriação identitária da cor na cultura baiana**. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ANSELMO, R.J.R. **Há pintura**: o espaço pictórico como instauração poética do visivo. 2004. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- ASSIS, D.R.A. **O gradil de ferro em Salvador no século XIX**. 2003. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BARATA, D.S. **O corpo como inscrição de acontecimentos**. 2003. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BARBOSA, J.M.N. **A Bahia de Jubiabá em fotografia de Pierre Verger**. 2005. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- BARBOSA, R.L.S. **A paixão de Cristo e os milagres do Bonfim segundo Franco Velasco**. 2005. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- BRANDÃO, A.F. **Transições da imagem**: fotografia, contemporaneidade, cultura e hibridismo. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- BRITO, L.S. **O filho de Ogum – Emanuel Araújo**. 2007. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

- BRITO, L.S.R. **A poética multimídia de Paulo Brusky**. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2003.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier Santos. São Paulo: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, L.C.F. **Rememoráveis, uma poética visual sobre a ausência e o imaginário**. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- CARMO, J.B. **Os signos do Rosário – arte e religião na formação de identidades culturais**. 2002. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- COSTA, C.C.C. **A cerâmica da Barra: transformações e representações**. 2008. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- DAMASCENO, M.A.A. **Vazias capturas: um olhar através da tridimensionalidade**. 2003. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- DANTAS, H.G.M. **Unisombras: apropriações e intervenções com as sombras do cotidiano**. 2005. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- FARIA, A.S. **Uma janela na história do design e das artes visuais na Bahia**. Lina Bo Bardi e a Escola de Artesanato e desenho Industrial. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- FIGLIARELLI, M.C. **Arte interativa a colaboração em rede: estudo de caso do coletivo pernambucano. Recombo**. 2006. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- FREITAS, S.C. **Os mosaicos de Bel Borba na cidade do Salvador**. W006. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- GATTI, F.L.O. **Capsulas, medicamento para o corpo**. 2009. Dissertação

(mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

GEMESTRETI, M.E.U. **Claustro**: abrigo de tempo e memória. 2007. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GOUVEIA, M.I.M. **Encantamento**: evocação fotográfica de poéticas submersas nas celebrações do mito de Iemanjá em Salvador e Ilha de Itaparica. 2008. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

LOLATA, P.V. **Marepe**: memória, devaneio e cotidiano na arte contemporânea da Bahia. 2005. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

LOURO, João Pedro Romão. Iconografia: perspectiva histórica do método descritivo da obra de arte. In: _____. A iconografia musical da Custódia de Belém. 2010. Dissertação (mestrado em Ciências Musicais) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010. P.14-28. Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/4823>> Acesso em: 03 set. 2013.

MACIEL, N.D.G. **O universo poético-mítico de Raimundo de Oliveira**. 2009. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MARIANO, W.E.C. **Etsedron**. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MENDES, C.M. **Práticas e representações artísticas nos cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo, Salvador, século XIX (1850-1920)**. 2006. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MIDDLEJ, D.R. **Juarez Paraíso**: estruturação, abstração e expressão nos anos de 1960. 2008. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MORAES, T. M. **A arte e sua legitimação pelo desempenho**. 2006. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVA JÚNIOR, E. M. **A grande arca de Jesus a Mateus**: fotografias e instalação. 2006. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas

Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

- OLIVEIRA, I. **A sorte é cega**. Uma instalação performática. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- OLIVEIRA, P.R.F. **Composições involuntárias**: resquícios de feridas urbanas. 2008. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- OLIVEIRA, W.L. **Diários de passagem**: poéticas visuais híbridas de um corpo mutável. 2008. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- ORAZEM, R.B. **A representação de Santa Tereza D'Ávila nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira-BA e São Cristovão-SE**. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- PAIVA, A.S. **Corpos e corpus da poética ornamental tupinambá de Olivença**. 2007. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: _____. **Significado das artes visuais**. Tradução Maria clara F. Kneese e J. Guinsburg. 3.ed. são Paulo: Perspectiva, 1991. p.47-87.
- PASQUALI, L. **Cortes, costuras, esculturas**: uma poética de encontros. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- PEREIRA, R.S. **Geofagia – corpos cerâmicos, corpos híbridos**. 2006. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- PEREIRA, S.A.P. **A pintura baiana na transição do Barroco ao Neoclássico**. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- PESSOA, F.M.F. **Um olhar para o interior**: as residências de Salvador – século XIX. 2002. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- PIMENTEL, E.M.F. **Eikon**. 2008. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- PITON, C.R. **Sobre homens invisíveis**: interferências ambientais. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- PONTES, G.L. **Nona-bela-arte**: as histórias em quadrinhos como bela arte. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- RIBEIRO, M.S.A. **Fendas e frestas**: uma poética do feminino. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- SÁ, S.D.A. **Pasquale de Quirico**: um monumento à escultura baiana. 2008. Escola

de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SAMPAIO, A.V. **Graffiti**: teatro urbano escritural. 2006. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SANTOS, E.A. **Mutação**: uma possibilidade do devir instaurado na matéria. 2002. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SANTOS, F.C.S. **Ambiência**: um convite para entrar. 2002. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SANTOS, J.M.P. **Os artistas plásticos e a performance na Cidade de Salvador**. 2007. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTOS, W.R.M. **Peles grafitadas** – uma poética do deslocamento. 2006. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SILVA, M.B. **A espetacularização da Festa do Boi-Bumbá**; novos modos de produção artística. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, R.N.R. **Um trajeto poético nas práticas devocionais de Cosme e Damião em Salvador**. 2004. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SILVA, S.T.V. **Referencialidade e representação**: um resgate do modo de construção de sentidos nas peças de balangandãs a partir da coleção do Museu Carlos Costa Pinto. 2005. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, V.F.O. **A gravura de Henrique Oswald**: do ensino à produção de arte. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, V.R. **Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia**: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro y Canizares (1834-1913). 2008. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SILVA-FATH, T.C.D. **A fotografia artística na Bahia e sua inserção nos salões oficiais de arte**. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SIMÕES, M. **Fotografia**: olhar e memória. Gestos, objetos e animais de estimação. 2009. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SIMÕES FILHO, A.M. **Retratos baianos**: a pintura de retratos na Bahia da Primeira República. 2003. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

- SODRÉ, E.B. **Laróyè - Uma poética de Exu em Mario Cravo Neto**. 2006. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- SOTUYO BLANCO, Pablo. Da Santa Ceia às Bodas de Caná na Bahia; estudo da iconografia musical nos azulejos da Igreja Basílica de N. S. do Bonfim. **Música em Perspectiva**, Curitiba, v.2, n.1, p. 68-95, 2009. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/musica/article/view/19963> Acesso em: 08 set. 2013.
- SOUZA, A.W.S. **O desenho da Bahia do século XVIII**. 2002. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- SOUZA, S.P.D. **Memória da terra, Wrykydzã Thydewá**. 2002. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- SOUZA FILHO, A.A. **Constâncias e impermanências: recodificação do corpo, da imagem e da palavra**. 2003. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- TODERO, L.N. **De Canudos a Veneza: o Projeto Terra do artista plástico Juraci Dórea**. 2004. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.